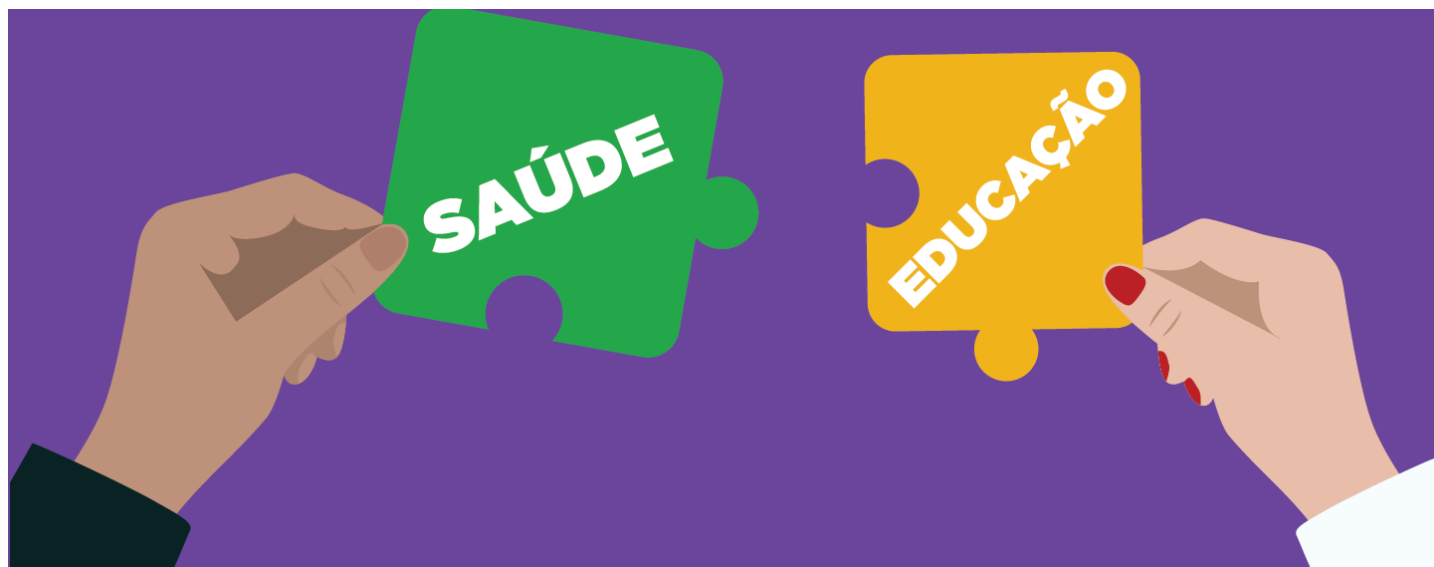




Editorial

Mudanças

Por Graziela Maria e Raissa Hilda, assistente social e pedagoga no projeto Saber para Cuidar: Doença Falciforme na Escola.

Como já estamos familiarizados, o Saber para Cuidar está sempre em busca de novas possibilidades e parcerias, o que não foi diferente este ano.

Nesta edição do informativo, você irá acompanhar uma imersão nos trabalhos realizados em conjunto com a saúde e entender um pouco mais sobre a importância da saúde e educação terem uma visão compartilhada sobre os seus usuários.

Acreditamos que a união entre essas esferas é o que contribuirá para a quebra do ciclo socioeconômico das pessoas com doença falciforme, lutando para o combate ao racismo e a discriminação, promovendo um cuidado integral a essas pessoas.

Pensando nisso é que o projeto **Saber para Cuidar: Doença Falciforme na Escola** irá lançar, em 2018, novas turmas do curso em educação à distância: "Saber para Cuidar: Doença Falciforme na Escola - O Programa Saúde na Escola como uma Estratégia de Articulação entre Saúde e Educação".

Você é nosso convidado especial para acompanhar mais um capítulo desta história.



E você, qual é sua experiência com o Saber para Cuidar? Escreva pra nós:

saberparacuidar@nupad.medicina.ufmg.br

Quem sabe no próximo número será o seu texto a aparecer por aqui?

Nesta Edição

A cara do Saber

Página 2

Saber para Cuidar qualificando o Programa Saúde na Escola

Página 3

Aqui se planta, aqui se colhe

Página 4

A Cara do Saber

Foto: Arquivo pessoal



Aline Poliana

Por **Aline Poliana**, enfermeira do projeto **Doença Falciforme: Linha de Cuidados na Atenção Primária à Saúde**

Olá! Eu sou Aline Poliana, enfermeira, e trabalho no projeto [Linha de Cuidados](#). Para mim, a enfermagem é ciência do cuidado e requer envolvimento, empatia e diálogo, que envolve uma visão holística sobre o indivíduo e fatores que podem influenciar no processo saúde e doença. Por isso, no cuidado à pessoa com doença falciforme, a escuta qualificada e o acolhimento de forma humanizada são essenciais.

O profissional de enfermagem tem o privilégio de ter um maior contato com a pessoa com doença falciforme durante a assistência, e a sua conduta pode facilitar a vinculação do usuário nos serviços de saúde de maneira eficaz. Entretanto, o desconhecimento da doença pode afetar a atenção a ser prestada e fragmentar o cuidado.

O atendimento a queixas e demandas pode influenciar diretamente na saúde e cuidado. Por isso, não podemos ser influenciados por conceitos pré-existentes ou por nossa própria percepção sob o outro, mas devemos acolher e compreender as demandas a partir da fala do usuário.

A doença falciforme é uma doença crônica assim como diabetes, hipertensão entre outras, e deve ser acompanhada pela equipe multiprofissional de saúde na Unidade Básica de Saúde de acordo com as necessidade.

Projeto

Doença Falciforme: Linha de Cuidados na Atenção Primária

O projeto **"Doença Falciforme: Linha de Cuidados da Atenção Primária"** é subdividido em três processos distintos e interligados: mobilização de gestores; formação de facilitadores e promoção de ações educativas.

A enfermeira Aline Poliana, a "Cara do Saber" desta edição, atua na promoção de ações educativas do projeto. O processo de mobilização de gestores sensibiliza e pactua as propostas do projeto com gestores, enquanto a formação de facilitadores é responsável pelo curso e desenvolvimento pedagógico. Ao final do curso, o processo de promoção de ações educativas apoia o desenvolvimento de práticas educativas nas unidades de saúde.

O profissional de saúde que atua na Atenção Primária à Saúde e tem curso superior pode ser indicado pelo gestor ou participar por demanda espontânea do curso de educação a distância "Doença Falciforme: Linha de Cuidados na Atenção Primária". Ao ser aprovado, o profissional está apto a ser um facilitador e mediador de ações educativas da temática de doença falciforme na sua unidade de trabalho.

Todos os profissionais formados são convidados a promover essas ações. Com o apoio do projeto e disponibilização de materiais educativos, os facilitadores já capacitaram mais de 1.700 profissionais que atuam na Atenção Primária à Saúde em Minas Gerais e outros estados.

Aline declara: "Temos ainda uma longa caminhada pois, em Minas Gerais, são mais de 5 mil unidades básicas de saúde, e lutamos contra o desconhecimento da doença falciforme visando o fortalecimento técnico dos profissionais na atenção às pessoas com a doença".

O projeto Saber para Cuidar: Doença Falciforme na Escola apoia iniciativas pioneiras como essas e sempre que possível as divulgará neste informativo. Fiquem atentos!



Saber para Cuidar qualificando o Programa Saúde na Escola

Por Isabel Pimenta Spínola Castro, coordenadora executiva do projeto **Saber para Cuidar: Doença Falciforme na Escola**.

Como vocês sabem, a doença falciforme é a doença hereditária de maior prevalência no Brasil. Além de uma gama sintomatológica, também está associada a um recorte socioeconômico e étnico racial que contribui para discriminação e marginalização da população acometida. Não é infrequente que a pessoa com doença falciforme tenha uma história de educação interrompida por fatores que poderiam ser solucionados com conhecimento e preparo por parte da comunidade escolar.

Ciente da necessidade de melhorar a qualificação dos profissionais que lidam com as pessoas com doença falciforme, a partir do apoio e financiamento do Ministério da Saúde, por meio do Departamento de Apoio à Gestão Participativa e Controle Social, surge o curso à distância "Saber para Cuidar: Doença Falciforme na Escola - O Programa Saúde na Escola (PSE) como uma Estratégia de Articulação entre Saúde e Educação". O curso é dinâmico e interativo, e visa fortalecer a capacidade técnica e política dos profissionais envolvidos no PSE, tanto da saúde quanto da educação, no que diz respeito aos cuidados à pessoa com doença falciforme.

O projeto **Saber para Cuidar: Doença Falciforme na Escola** nasce em 2012 com o objetivo de capacitar profissionais da educação sobre as peculiaridades do aluno com doença falciforme no ambiente escolar e suas repercussões sociais. A oferta atual do curso é uma iniciativa do [Cehmob-MG](#), parceria estabelecida

entre o Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da UFMG (Nupad), a Fundação Hemominas e a Federação Nacional das Associações de Pessoas com Doença Falciforme (Fenafal) e, pela primeira vez, recebe apoio financeiro do Ministério da Saúde.

Estamos muito felizes com a possibilidade de trabalharmos com os profissionais do PSE uma vez que acreditamos que é a partir da articulação entre saúde e educação que rompemos o ciclo socioeconômico da doença falciforme. Nesse ciclo, o recorte étnico racial, a vulnerabilidade social e a sintomatologia complexa e sistêmica da doença são desconhecidos e desconsiderados pela escola e pela saúde, produzindo um grande índice de evasão escolar que, por sua vez, leva à baixa escolaridade e baixa capacidade de competir no mercado de trabalho.

É pela articulação da saúde com a educação que enxergamos uma possibilidade real de mudar o cenário do cuidado da pessoa com doença falciforme. E o Programa Saúde na Escola propõe exatamente esta articulação.

Vamos viajar pelos cinco estados brasileiros de maior incidência da doença e trabalharemos também com o município de São Paulo. Temos certeza de que será uma experiência incrível!

Venham conosco!



Informe-se

Aqui se planta, aqui se colhe

Por Waldineia Reis, estagiária de psicologia do Centro de Educação e Apoio Social (Ceaps)

No ano passado, plantamos várias sementinhas com o curso a distância “Ressignificando a doença falciforme: a diversidade no contexto escolar”. E é gratificante vermos que estas sementinhas deram frutos, como o projeto de intervenção “A doença falciforme no contexto escolar”, das cursistas Adelma Gonzaga e Cássia Claudiano Costa de Souza, que foi realizado em uma escola municipal de Belo Horizonte.

“Entendendo a escola como lugar de acolhida e de reconhecimento da criança como centro da ação educativa, propusemos a realização desse projeto, para que tanto as crianças, quanto toda a equipe escolar atuem como promotores de cuidados e estímulos e de interação.” Esta foi a justificativa usada pelas alunas para a execução do projeto na escola.

O projeto teve como público, além de todo o corpo docente da escola, crianças de 5 a 6 anos, da turma na qual a Adelma é professora. A turma foi escolhida pois nela havia uma aluna com a doença falciforme.

Já o objetivo do projeto era o de levar a comunidade escolar à compreensão da doença, além de sugerir, aos professores e estudantes da escola, estratégias para fazer com que a criança com doença falciforme

pudesse sentir-se mais segura, mantendo assim sua integridade física e emocional.

O projeto foi executado no segundo semestre de 2017, e teve em seu cronograma atividades desde rodas de conversas e brincadeiras até a confecção de cartas para a aluna que tem a doença. Além disso, as cursistas também tiveram um diálogo com a nutricionista da escola e transmitiram aos professores conhecimentos adquiridos no curso.

A partir desse projeto, podemos perceber como um projeto de intervenção pode ser algo simples e prático, mas com enorme valor. As cursistas não precisaram usar nada fora do comum para atingirem seus objetivos. Elas conseguiram, por meio deste pequeno projeto, espalhar os seus conhecimentos de forma clara e objetiva.

Agora serão elas que, sendo bons frutos, irão plantar novas sementes, além das que já foram plantadas por meio do projeto. Com isso estarão ajudando-nos a levar ainda mais informações sobre a doença falciforme para a comunidade na qual se encontram, tendo a escola como um bom ponto de partida.



Foto: Arquivo pessoal

Ação na Escola Municipal Professora Marília Tanuri Pereira.

Expediente

Centro de Educação e Apoio para Hemoglobinopatias (Cehmob-MG) – Coordenação Geral: José Nelio Januario e Patrícia Santos Resende Cardoso. Coordenação Técnica do Saber para Cuidar: Doença Falciforme na Escola: Isabel Castro. Redação: Aline Poliana, Graziela Maria de Souza, Isabel Castro, Raissa Hilda Celestina de Azevedo e Waldineia Reis. Instituições realizadoras: Ministério da Saúde, Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, Fundação Hemominas. Instituição parceira: Associação de Pessoas com Doença Falciforme e Talassemia do Estado de Minas Gerais (Dreminas). Centro de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG: Gilberto Boaventura (Reg. Prof. MG 04961JP). Edição: Mariana Pires. Projeto Gráfico: Luiz Romaniello. Diagramação: Matheus Nerys. Atendimento Publicitário: Ingrid Souza. Boletim de circulação online: www.cehmob.org.br. Contato: jornalismo@medicina.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que citada a fonte.